

4

Redes Multi-Reais

Criar campos ou redes de realidades a partir de um passado como matéria crua; descrever um ambiente histórico ocorrido em alguns lugares durante o ano de 1926, simplesmente porque ele nada significou. Nem divisão de águas, nem qualquer acento hermenêutico peculiar foi a perspectiva escolhida por Hans Ulrich Gumbrecht (1999a), para fazer presentes os mundos de 1926.

Sendo possível a cada leitor decidir suas próprias trilhas de leitura, a ilusão de viver nos limites daquele ano revolveu, a partir da rota escolhida para esta tese, um conjunto de imagens que se recusaram ao recolhimento do passado. Suas redes de realidade tramavam-se na incerteza, na perda da verdade, no caos e na desordem; suas metáforas-guia são o trem e o solo instável, uma interseção entre os rumos da pesquisa científica e a nova condição da existência humana. Em 1926, a sensação da perda do solo também corresponde à da perda da segurança existencial. De um lado, as tecnologias dos transportes, aceleradas em seu desenvolvimento, alteraram as relações do corpo com a superfície da terra, e o mundo parecia não mais funcionar como sempre houvera funcionado.

Na contraparte, sob pés inseguros, popularizaram-se nos salões de dança pisos iluminados, indicando - assim analisa Gumbrecht (1999a, p. 336) - "um êxtase de felicidade, uma euforia causada por uma fuga ilusória das adversidades da existência terrena". Ao mesmo tempo, a publicação da teoria da relatividade geral e especial de Einstein, ainda segundo o teórico, causou um enorme impacto, um "trauma coletivo" e, embora o físico sucessivamente tivesse repetido que o princípio físico da relatividade não correspondia ao relativismo filosófico e muito menos aos valores cotidianos, o termo relatividade espalhou-se como a negação de padrões e valores absolutos. A nova física surgia, pois, como uma ameaça, e a imagem do trem simbolizava que a produção do conhecimento, o verdadeiro ou o falso, determinam-se a partir das latitudes assumidas pelo corpo do observador de segunda ordem.

Dessa forma, a verdade como um ideal supervalorizado passa a viver sob o signo da suspeita, pois estando o conhecimento na dependência do observador, há

uma infinidade de pontos de vista e, por consquência, de representações, o que por sua vez traduz a dissolução do referente, ou da verdade como uma substância eterna, constante e visível. Volatilizados os critérios da verdade, e estando o sujeito condenado à auto-reflexividade, incerteza X realidade constituem o binômio prevalente, a moldar a percepção do mundo como caótico e desordenado. Uma nova situação epistemológica estava posta, e em 1926, na descrição oferecida por Gumbrecht (1999a, p.342) mesmo antes de os filósofos profissionais se acostumarem a ela, invade a cena da vida cotidiana um saber tácito de que a natureza da realidade era feita de realidades múltiplas.

Instabilidade, movimento, velocidades, desordem, caos, realidades. Palavras que (des)nortearam aquele ano de 1926, figuram, na atualidade, como expressões fundadoras de outras redes de realidade constituídas por quarks, férmions, glóuns, gráviton, quiral, relógio de luz, táquion, efeito borboleta, fractais... O novo vocabulário elegante das ciências nasce para pensar um universo também elegante em que, por exemplo, a música das cordas, ou os filamentos mínimos e unidimensionais da natureza, unem harmoniosamente a teoria da relatividade à mecânica quântica. As ciências, de fato, estetizaram o universo, confirmando que cada vez mais a realidade se interpõe como redes multireais. Ao assistimos à estetização do conhecimento científico, ele devolve progressivamente à realidade, e a nós mesmos, as feições plurais e ficcionais que ela própria possui; as equações canônicas antes cunhadas pela ciência para a demonstração da equivalência incontestante entre elas e o mundo vão cedendo lugar para a presença de mundos compossíveis.

Como numa diáspora epistêmica, o pensamento científico também procura abrigo na desordem, no caos e na incerteza, incluídos como princípios necessários à construção de uma outra racionalidade que seja capaz de comunicar a dimensão multifacetada do real. Somos, portanto, convidados a integrar um novo jogo que elabora um tipo de interação sistêmica em que nada é excludente e em que tudo é possibilidade aberta para a modelagem do mundo.

Confrontados com as interpelações nascidas das novas realidades disponibilizadas pelas redes dos sistemas midiáticos e pelas engenharias do virtual e engolfados pela hiperestetização do cotidiano, que paralisa a sensibilidade para a diferença e a pluralidade, o estético, em nível radical e profundo, ao tecer ficcionalmente o mundo também nos faz suas perguntas. Elas dizem respeito às

chances de construção e do estabelecimento de outros regimes de significação que as ficções, particularmente as construídas pelos textos literários, já nos facultam há longo tempo, de modo particular. Rastreado e indiciando conjecturas, num movimento plástico do pensamento, a estetização epistemológica nos faz supor que literatura e ciência, como campos de construção de conhecimento sob a ordem do estético, fazem cessar a tempestade que aparentemente as separa, para se tocarem amorosamente.

Mais do que isso, admitindo-se, conforme afirma Wolfgang Iser (1995, p.16), que nos últimos duzentos anos a ciência vem se tornando consciente de sua dimensão estetizadora, ela questiona, dessa maneira, tanto os fundamentos do pensamento racionalista, quanto a construção de toda a realidade do mundo sobre ele erguida, para incluir entre suas estratégias cognitivas e argumentativas a potência das ficções. Nesse sentido, o próprio conceito do que vem a ser compreender - que para Gumbrecht (1999c), sempre teve nas ciências humanas um significado canonizado, porque aspira à reconstituição de uma intencionalidade - torna-se mais largo, porque pressupõe um exercício da produção do conhecimento no marco de novas exigências oriundas das multirealidades constitutivas do real.

Sustentar a potência das ficções não corresponde a ratificar o conteúdo, por exemplo, de beleza presente em algumas soluções elegantes urdidas por tais ou quais teorias científicas, mas sobretudo tematizar o anel criado pelo estético, a unir literatura e ciência, para inscrevê-las no seio de uma problemática sobre a compreensão do emprego humano do fingimento, elemento primordial da ficcionalidade, que não se limita à literatura, mas é também da ciência um quesito. No contexto da contemporaneidade, o pensamento científico parece assumir-se na dependência do estético também para tornar comunicável a existência humana como um eterno vir a ser.

Embora as ficções literárias - e somente elas - estabeleçam um contrato específico com o imaginário, guardando, em razão disso, uma função diferencial presidida pela irrealização desestabilizadora dos modelos de compreensão do mundo, que por seu turno nos faculta a experiência da diferença e da alteridade; embora a ciência seja identificada como um sistema que elabora e ratifica modelos normativos de percepção e de conceituação, que pretendem coincidir ou mesmo significar o real, a atividade possibilitadora de seus procedimentos de

estetização abre-nos uma nova perspectiva em relação à visão que mantemos da ciência.

É certo que seu discurso opera a partir da construção de estabilidades, conquistadas por meio de uma firme unidade semântica, e suas representações, sediadas na verdade, criam círculos estáveis e fechados. Mas também é certo que pensar e argumentar esteticamente é uma das muitas consecuições do processo de desdogmatização da ciência. Nessa esfera, Siegfried J. Schmidt (1989, p.54), ao discutir essa questão, formula a seguinte pergunta: "perda de dogmas: ganhos de realidade?" Mantendo a coerência com o veio argumentativo desta tese, é preciso frisar, em complemento à pergunta de Schmidt, que a perda de dogmas, antes gera a perda *da* realidade como matéria estática e uma e corresponde a ganhos de realidades modeladas pela constituição ficcional do conhecimento científico. A desdogmatização plena da ciência, conforme pensamos, ainda prevê o cumprimento de um longo itinerário que passa pelas cercanias do estético, para assumi-lo em toda a sua integralidade, como elemento base do fazer científico.

Quando nos reportamos, segundo nos fala Wolfgang Welsch (1995), ao fato de o biofísico James Dewey Watson, responsável pela descoberta da estrutura em dupla hélice do DNA, ter declarado ser a razão do sucesso de seu projeto de investigação a escolha de uma premissa estética, pois para ele a solução do que buscava tinha de ser "extremamente elegante"; quando o matemático Henri Poincaré afirmou que a capacidade central de um bom matemático não é a lógica, mas a sua potência estética, vale dizer, sua capacidade modeladora, ou ainda, quando, no capítulo 2, resgatamos o depoimento do físico John Schwartz que sustentou encontrar na beleza da estrutura matemática do fenômeno que analisava a indicação de algo mais profundo a respeito do próprio universo, temos um pequeno elenco de ilustrações por meio dos quais se pode reconhecer a relevância não apenas dos componentes ficcionais da ciência, mas o quanto, entre tantos caminhos teoricamente abertos, a opção do estético prevaleceu. Além de estarmos diante de sua imposição como argamassa do conhecimento, a presença de redes multi-reais - experienciáveis cotidiana e inconscientemente a partir das máquinas de ficções dos sistemas midiáticos e da rede digital, e também nos movimentos e resultados da atividade científica - o estético força a elaboração de outros acordos semânticos para o que nomeamos por ficção, realidade, verdade e conhecimento.

Do ponto de vista metateórico, pensar a ciência como um campo de estetização representa uma ampliação de seus desafios, porque - além de a ciência ser uma forma específica de ação social que elabora estratégias para o equacionamento de questões sentidas como problema, como advoga o metateórico Peter Finke (1989, p.60), tais estratégias são construções explícitas; teorias “que podem ser descritas como estruturas conceituais modeladoras da realidade, cujo relevo e finalidade político-social devem nortear o seu exercício. Em outros termos, a assunção da ficção, ou do estético, como acento constitutivo da ciência, em parilha com a sua dimensão político-social faz a problemática do conhecimento e da verdade reivindicarem um investimento de pesquisas interdisciplinares, porque as estruturas dos sistemas sociais não são insulares, mas intercomunicáveis e integradas numa rede de complementaridade. Pelo ângulo dos procedimentos de ficcionalização, o pluralismo dos fenômenos, suas contradições, diferenças, paradoxias, enfim, aquilo que respeita a sua riqueza, manifesta sobretudo na variedade de conflitos que produzem, escoa e desfaz o mito da homogeneidade, da constância e da unidade.

Portanto, se os esforços metateóricos, a exemplo do que defende Peter Finke, devem caminhar na direção do esclarecimento dos fundamentos e pressupostos epistemológicos das teorias científicas, da ratificação de sua finalidade político-social, eles deveriam compreender também uma ênfase na própria motivação estética da ciência, porque as teorias são ficções com efeito de verdade! Quando Thomas Kuhn apontou que o progresso científico se construiu na ilusividade de uma racionalidade metodológica neutra e ajustável à decifração da verdade e da realidade, e a partir disso, politizou o processo de validação das teorias científicas, ensejou, ainda que não diretamente, argumentos em favor do conhecimento como ficção, como modelagem aberta. Dessa forma, pensar a ciência no marco de seus fundamentos estéticos, além de representar sua relativização e desdogmatização, também sugere a necessidade do desenvolvimento de uma cultura da diferença e da pluralidade, uma vez que perdendo a arrogância de enunciar a verdade, as multi-realidades, produto e produção da necessidade humana do fingimento, podem ser assumidas como a expressão das diversificadas maneiras de ver, sentir e realizar a experiência do mundo.

A potência estética das ficções e a presença de um pensamento que captura "soluções elegantes" como forma de contornar os entraves teóricos no transcurso das investigações científicas indiciam o fato de que talvez estejamos tratando da construção de uma outra racionalidade capaz de comunicar que a ficcionalidade do conhecimento e da realidade engendram a incerteza radical do mundo, a sua impossibilidade de verificação pela obra da verdade, enfim, a sua não cognoscibilidade definitiva. Assim, a feição modeladora das ficções, em certa medida, assemelha-se às descrições da geometria fractal⁸. Suas formas intermináveis e abertas, dispostas em irregularidades e fragmentações presentes na topografia dos litorais, nas redes fluviais, nas curvas de um floco de neve, numa nuvem de areia, nas encostas de um morro, nos relâmpagos, ou na poeira das galáxias, constelam o movimento não domesticado e selvagem da natureza, em seu processo dinâmico de combinações específicas de ordem e desordem. Um tipo de arquitetura que para um olhar euclidiano é extremamente complicada, mas que para a imaginação de um geômetra, acostumado à atração estética do interminável catálogo de imagens das dimensões fractais, vê-los corresponde a ver o infinito.

De igual maneira, ver o infinito pelas lentes ficcionais do conhecimento e, a partir dele, focar as redes multi-reais que nos interpelam nas distintas dimensões da práxis humana é o que a estetização epistemológica nos lega como o seu maior saber, tanto quanto o fazem as ficções literárias dos textos ficcionais da literatura, ao minimizarem o racional e suas verdades lógicas como forma única de conhecimento do mundo.

Em razão disso é que a articulação entre o discurso das soluções elegantes e a potência das ficções disponibiliza uma reflexão sobre a existência de uma conexão entre os procedimentos de estetização epistemológica e o saber privilegiado ensejado pelas ficções literárias. Dito de outro modo, como um campo de estetização, a ciência traceja um percurso há muito palmilhado pelos

⁸ As formas da geometria clássica são as linhas e os planos, os círculos e as esferas, os triângulos e os cones., ao passo que a matemática fractal, vislumbrada por Benoit Mandelbrot na década de 60 do século XX, a partir de informações que foram, segundo ele, despejadas nas latas de lixo da ciência, espelha um universo irregular, feito de reentrâncias, emaranhados e depressões, e o que ela descreve é muito mais do que uma deformação das figuras euclidianas. Conforme James Gleick (1989, p. 89- 101), a geometria de Euclides, "que durou dois milênios e é a única até hoje conhecida pela maioria das pessoas, representou uma poderosa abstração da realidade e inspirou uma vigorosa filosofia da harmonia", mas os fractais, - do adjetivo latino *fractus*, derivado do verbo *frangere*, quebrar, fraturar - tornou-se um modelo único e amplo que permite enfrentar a mutabilidade das dimensões".

textos ficcionais literários, isto é, a suspensão das certezas, a partir das quais a cultura tematiza um programa de orientações normativas para os indivíduos. Consciente de sua própria capacidade de dar formato às possibilidades do mundo; demarcada, pois, como categoria estética, a verdade científica passa também à condição de discurso ficcional simbolizador de um certo entendimento do real. E, nesse passo, mais um traço pode ser acrescentado ao estético, o de ser agente da mudança da trajetória do conhecimento, isto é, o conhecimento que sempre partiu do sujeito em direção aos fenômenos, com a ação do estético, vê interrompido esse movimento, porque um fabrica o outro, na simultaneidade, na reciprocidade e na medida em que se pensam. Inventando-os, somos também inventados por eles e assumimos um ao outro como reais. O estético procedendo, portanto, à perda da posição hierarquicamente superior e hegemônica do sujeito, assim como à de inocência dos fenômenos em seu suposto disfarce à espera de uma revelação, atesta o devir humano consubstanciado pelo ato de conhecer como construtividade modeladora.

Dessa forma, se, de um lado, as funções cognitiva e emancipadora da literatura - que permitem ao sujeito a tematização de sua própria multiplicidade pela desfiguração das formulações pragmáticas e conceituais que definem e explicam a realidade -, informam o inacabado processo de semantização do mundo, porque ele é um signo aberto; de outro lado, a estetização epistemológica também comunica uma despedida de quaisquer pretensões objetivísticas e fundamentalistas da ciência, tanto quanto das verdades protocolares, uma vez que ela constela o mundo como matéria modelável e modalizável, não parecendo mais tão identificada com a sustentação dos princípios essenciais *da* realidade.

Tanto quanto se atribui coloquialmente às ficções entrincheiramentos semânticos que lhes são depreciativos, ainda guardamos da ciência uma visão igualmente estreita, e se se pretende firmar o estatuto diferencial do discurso das ficções literárias, isso não pode mais ser feito pelos recursos que circunscrevem, por exemplo, o discurso científico como um de seus opositores, como aquele que repete, numa função utilitária, um real percebido.

Com a estetização epistemológica, os próprios modelos de compreensão científicos da realidade se desestruturam, e neles a aposta na verdade é antes um exercício ficcional do que uma formulação do mundo que visa a uma estratégia

socialmente comunicável para a conquista de sua legitimação e supremacia em relação às demais formas de conhecimento.

Feito mãos artesãs que doam calor e verdade à argila informe, o olhar estetizador do homem, potência materializada em abstrações fascinantes, promove um (re)encontro da ciência com os seus primeiros, últimos e únicos fundamentos: a ficcionalidade de si mesma.

4.1

Soluções Elegantes: Potência das Ficções

Foi um olhar estetizador que empreendeu verdade à potência (plástica) da abstração de uma hipótese na Física, e fez com que nessa província o encontro da ciência com a sua própria ficcionalidade assumisse uma radicalidade desconcertante. Existiria algo mais ficcional do que viajar no tempo, sobretudo, aos olhos ressecados de uma comunidade como a científica afeita à investigação de temas com "pedigree", ou seja, que desfrutam de uma aura efetivamente científica?

A demonstração de que viagens não convencionais no tempo são possíveis foi o propósito do físico brasileiro Mário Novelo (1997, p.12-16) que enfrentou o mal-estar desencadeado nos círculos acadêmicos diante de tal proposição, tanto pelo fato de ela se confundir com uma incursão no território das ficções e não no da ciência, quanto por sugerir, ao público leigo, tratar-se de uma teorização com vistas à construção de engenhocas à semelhança das sonhadas máquinas do tempo. Inúmeras foram as advertências de seus colegas quanto às conseqüências de uma publicação de conteúdo tão pouco clássico e quanto às possíveis dificuldades de obtenção de pareceres favoráveis à teoria. Além disso, uma publicação que contivesse uma teoria como aquela poderia significar a perda de financiamentos pelos organismos internacionais de fomento e apoio à pesquisa científica, uma vez que seu interesse por abordagens não ortodoxas o colocariam próximo ao delírio e não à pesquisa de um cientista. Insistindo em seu empreendimento, o físico, na tentativa de "vencer o desafio de mostrar que o discurso científico pode ir além dos estreitos limites que uma certa visão acanhada da realidade nos tem imposto", buscou produzir um sistema coerente sobre "a fantástica aventura de visitas ao nosso passado, em perfeito acordo com a

totalidade das leis físicas conhecidas". Seu argumento, centrado na eliminação de algumas contradições e paradoxos de certos conceitos da Física, revela, de fato, o que os físicos já sabem, mas ainda consideram arriscado dizê-lo, exatamente por sua divisa com a loucura e o descrédito associados às ficções.

Segundo o autor (1997, p.17), nos últimos anos, os cientistas reconheceram que a possibilidade de um corpo material dirigir-se para o seu passado, além de não ser "proibido" pelas leis da Física, seu movimento pode ser produzido por uma gama de estruturas convencionais largamente conhecidas ou, em outros termos, a Física é capaz de descrever alguns mecanismos "pelos quais a natureza pode permitir uma viagem ao passado". Mesmo assim, a linhagem acadêmico-científica, nesse caso, não negou a sua tradição: ser de fonte e o controle dos pólos de emissão do conhecimento.

Em que pese o fato de o físico ter assumido os riscos pela publicação do que era sabido entre os membros de sua comunidade, os sinais de alerta e as sugestões de represálias, fosse pela negativa de financiamentos futuros, fosse pelo silêncio de seus parceiros de profissão, ilustram que as práticas de investigação ainda continuam à mercê do jogo de correlação de forças entre os cientistas, no que respeita à definição do estatuto e do grau de cientificidade (e de verdade) dos campos de pesquisa. Nesse sentido, as análises de Thomas Kuhn não dizem respeito a um tempo pretérito, além de indicarem o quão distante ainda estamos de um exercício de auto-reflexividade da ciência que, ao não se conhecer, conforme Edgar Morin (1998, p.105), dramatiza a impossibilidade de se conceber.

O caso de Mário Novelo merece relevo, em especial, por oferecer alguns ângulos interessantes à questão da presença da estetização da ciência. Em primeiro lugar, ainda que a urdidura ficcional do conhecimento progressivamente venha sendo incorporada à consciência do discurso científico, quando se trata de temáticas não ortodoxas - ou não autorizadas pela inteligência científica -, qualquer suspeita de proximidade com as ficções demanda veementes ratificações sobre o caráter não ficcional dessas formulações. Em certa medida é o que presenciamos na obra de Novelo, uma vez que da introdução às considerações finais, a tônica é desfazer o perigo de um juízo que considere fantasiosa sua investigação e por isso os esforços de demonstrar que qualquer semelhança entre a sua obra e as ficções é mera coincidência, porque, em sua teoria, tudo é absolutamente real, fato científico justificado e demonstrável. As reais (ou

ficcionais?) e sérias preocupações do físico acionaram, inclusive, a sua decisão de submeter a leitura do livro, antes de sua publicação, a duas pessoas leigas, escolhidas aleatoriamente. Ao constatar que ambos os leitores pensaram que se tratava de uma obra de ... ficção, ele se ocupou de mais uma ratificação, em nota de esclarecimento, para asseverar que tudo o que dissera era ciência e, acrescentando-se, uma ciência que parece mais científica do que qualquer outra. Paralelamente à confirmação de que seu texto era genuinamente científico, citações a inúmeros artigos, indicados sem a menor intenção de intimidar o leitor, objetivam tão somente apresentar o arcabouço teórico de sua tese, como mais uma rede de proteção contra as investidas das ficções.

Em segundo lugar, apesar dos esforços do físico para garantir a pureza científica daquela investigação, isso não desativa a estrutura ficcional de suas formulações. Afirmar a cientificidade de uma teoria pela negação de sua potência como ficção corresponde a alimentar a falsa polaridade entre elas e a realidade; a insistir que a primeira está entregue aos doidos e aos escritores de literatura, e a segunda, à severidade da proteção da ciência e de seus procedimentos de verificação. Mesmo banindo de seu discurso qualquer semelhança com as ficções, o físico (1997, p.21), ao torná-lo comunicável⁹, observa que o tema a que se propôs estudar não diz respeito à fabulação dos escritores, mas a uma ciência disposta a "descer de sua arrogância", porque - "embora aparentando o oposto - o que ela faz é andar de mãos dadas com os poetas".

Ao tornar elástico o caminho inesperado para o passado, a ficção/teoria de Mário Novelo provoca o "establishment", por divulgar um tema informalmente proibido, além de nos confrontar com uma e radical experiência de estetização epistemológica. Aqui a verdade e o conhecimento assinam e dão fé a sua dimensão como categorias decididamente estéticas. Defendendo a construção de uma nova cosmologia - a metacosmologia - que pretende inventariar os modos de criação do universo, ou descrever universos compossíveis, Novelo inscreve-se num campo de questionamentos, considerado por ele mesmo atípicos na Física,

⁹ Mário Novelo (1997, p.22) esclarece que já se pode sentir uma certa mudança na sensibilidade da comunidade científica em relação às viagens não convencionais no tempo. Um dos indicadores dessa mudança é postura da prestigiada revista científica "Physical Review Letters", conhecida pelo rigor de suas publicações, de acolher trabalhos que discutiam os caminhos - que são para o físico, artefatos - de uma volta ao passado.

que contribuem para uma crítica da razão cósmica. Nesse sentido, ao apresentar o objeto da metacosmologia, expõe o seguinte dilema:

esses pré-universos, talvez sem leis naturais, estariam esperando por nós para que lhes permitíssemos o acesso à realidade? Devemos voltar as nossas costas para esta metamorfose da cosmologia, que, girando sobre nossa razão, pretende nos enlevar, atraindo-nos para além do território seguro de nossa observação (...) que constitui nossa herança racional? (...)Essa é a tarefa que temos pela frente: decidir qual o caminho que devemos escolher para seguimos com nossa análise do mundo (NOVELO, 1997, p. 35)

Importante nesse raciocínio é, antes de tudo, a sugestão de que os fenômenos vêm à realidade pela intervenção da modelação humana; os fenômenos não estão *na* realidade, mas realizam-se pela atividade possibilitadora de um pensamento plástico, estruturado ficcionalmente. Note-se que para a metacosmologia, em plena fase de efervescente criação, os mundo são compossíveis, vale dizer, podem coexistir e conciliarem-se, ao mesmo tempo, com outro compatível; são passíveis, portanto, de uma existência integrada como um conjunto de possibilidades. Essa ordem de estetização epistemológica informa, seguindo a argumentação de Mário Novelo (1997, p. 36-37), a necessidade de eliminação da "condição de horizonte" em que o pensamento sempre esteve apoiado, porque, uma vez que se admite a existência de diferentes universos que convivem uns com os outros, é preciso abandonar o "paradigma da representação do mundo", e, assim, "ir além, produzindo essa nova realidade não representável dos universos compossíveis".

Mais uma vez, ainda que se deva respeitar suas particularidades, as ficções literárias vêm à tona, tendo em vista que elas também constelam a experiência de mundos compossíveis, a devolverem à realidade objetiva do mundo referente a fragilidade de suas certezas e das garantias de sua própria existência como única realidade. Quando um certo ângulo da Física decide examinar as realidades de universos compossíveis, a estetização epistemológica presente nesse processo está cumprindo o seu mais importante papel, ou seja, a explicitação das possibilidades abertas do mundo tão anunciadas pelas ficções literárias.

Na esteira das teorizações científicas sobre as leis do universo, menos tensa e polêmica quanto às suas divisas com as ficções, encontra-se a teoria das

supercordas. Seu principal estudioso e divulgador, o físico Brian Greene, ao recriar o contexto histórico-epistemológico que a ensejou - a percepção de uma dissonância entre os dois pilares da Física, ou seja, entre a relatividade e a teoria quântica¹⁰ -, além de se valer de expressões metafóricas tais como "vibrando com a teoria das cordas", "loucura microscópica", "sinfonia cósmica", define a nova teoria como "pura música". Já se teve anteriormente a oportunidade de afirmar que o caráter estético do conhecimento formulado por Wolfgang Welsch não significa apenas a criação de belezas, ou de traduções, pelos recursos da metaforização, dos conteúdos sofisticados do pensamento de ciências altamente complexas.

Claro que o recurso às belas imagens constitui um signo de sedução, sobretudo no campo da divulgação científica; entretanto, ao se resgatarem aqui as expressões constantes da obra de Brian Greene, intenciona-se reafirmar a interpenetração entre os campos do conhecimento que se convocam um ao outro, na medida em que a dimensão estética do saber anula quaisquer fronteiras disciplinares. O que há de composição estética na teoria das cordas pode ser observado na explicação primeira de Greene (1999, p.39), ao iniciar seu raciocínio recorrendo a uma linguagem pertencente ao cotidiano. Assim como as cordas de um piano ou de um violino possuem frequências ressonantes que os nossos ouvidos percebem como notas musicais, o mesmo também ocorre com os chamados "laços da teoria das cordas". As vibrações do universo, no entanto, ao contrário de produzirem notas musicais criam partículas, cujas massas e cargas de força determinam-se pelo padrão oscilatório das cordas. Eletrões e quarks, ambos considerados cordas, por exemplo, vibram cada um de um modo; poder-se-ia dizer que escrevem cada qual uma partitura. O que se constata, então, é que os padrões ressonantes de vibração dos laços fundamentais das cordas tocam a música do universo. A rigor, por essa perspectiva, tudo que existe, matéria e força, está integrado ao tronco do mesmo princípio das cordas. Dois movimentos estetizadores desenvolvem-se aqui; um, no interior dos próprios debates da Física

¹⁰ De acordo com Greene (2001, p.17), "a relatividade fornece a estrutura teórica para a compreensão do universo nas maiores escalas: estrelas, galáxias, aglomerados de galáxias, além da imensa extensão total do cosmo (...), e "a mecânica quântica fornece a estrutura teórica para a compreensão do universos nas escalas menores: moléculas, átomos, descendo até as partículas subatômicas, como elétrons e quarks".

que procura a equação que harmonize a relatividade e a mecânica quântica; o outro, na "musicalização" do cosmo como recurso de descrição teórica.

Brian Greene afirma que, historicamente, a teoria das cordas representa o primeiro grande esquema explicativo das características fundamentais constitutivas do universo, o que levou muitos físicos a apostarem que se trata de uma teoria definitiva, ou da última das teorias do universo. É claro que quando ouvimos a Física declarar-se mobilizada na construção de uma "teoria final sobre tudo" é como se estivéssemos diante de uma versão contemporânea do santo graal e, ao mesmo tempo, aceitássemos o esgotamento do mundo. No entanto, essa "teoria do tudo" assinala não uma terminalidade do conhecimento e do universo, mas os alicerces para a construção da compreensão física do mundo que venha a abranger a natureza dos componentes materiais e das forças mais elementares. Para o físico (1999, p. 33), igualmente importante "é a elegância das respostas da teoria das cordas e da estrutura que possibilita tais respostas", no que respeita, por exemplo, a certos aspectos peculiares decorrentes da geometria do universo. Se a teoria das cordas estiver correta, o universo é um labirinto multidimensional, cuja urdidura encontra, na vibração incessante das cordas, o ritmo das leis do universo.

A sedução estética diante da teoria das cordas - seja por ela articular princípios de simetria, seja por ela poder um dia fazer os físicos tocarem o âmago do funcionamento do cosmo - vai comprometendo o conhecimento científico cada vez mais com seu próprio atributo ficcional. Unida pelos laços das vibrações do universo, a coreografia do conhecimento descreve a mobilidade estética do pensamento, devolvendo-nos à temática das ficções como um traço antropológico do homem. Apesar das singularidades que fazem as ficções do texto ficcional serem mais ficcionais do que as do conhecimento científico, uma vez que potencializam uma outra ordem de experiências pela ativação do imaginário ficcional, que é dotado de um discurso muito particular, a estetização epistemológica ilumina e corrobora a multi-dimensionalidade da realidade.

Ao constituir a produção do conhecimento, o estético opera uma mudança nas representações imediatas que temos tanto da literatura da ciência. Sua presença ratifica o destino de ambas como produtoras de uma ação criadora do mundo, a convertê-lo em matéria cujo futuro é sua fabulação como infinitos mundos multiplicados em configurações possíveis. Tal fabulação, que os

físicos estão acostumados a ver, por exemplo, nos processos quânticos, nas ficções literárias é vivenciada pela produção imaginária de formas alternativas de ser, ao movimentarmos esteticamente a possibilidade do outro em nós mesmos, ao constatararmos que o engano das ficções dos textos ficcionais são antes de tudo a descoberta, repita-se, das combinatórias abertas no ato de representação de si e do mundo.

Aqui a dimensão interdisciplinar entre os campos da literatura e da cultura, pelo fenômeno do estético, parece possibilitar um belo encontro, em que pese, conforme assinalou Heidrun Krieger Olinto (2003, p.80), uma delicada situação no que respeita à demarcação de seus quadros teóricos. Entretanto, ela mesma observa que "para os estudos de literatura, delineia-se uma aliança incontornável com os estudos da cultura, ainda que as cláusulas desse contrato apenas permitam formulações provisórias".

A proposição de uma investigação interdisciplinar dos fenômenos deve ser pensada, por sugestão do teórico da filosofia da educação Gaudêncio Frigotto (1995), numa dupla articulação: como problema e como necessidade. Embora a fragmentação dos fenômenos seja cada vez mais atestável e por isso qualquer estratégia que vise concebê-los em sua unidade não passa de uma ilusão mecânica, de uma quimera positivista, ainda há o prevalecimento da cultura de reconhecimento da soberania territorial de certas disciplinas em relação a outras, o que faz com que os esforços de cooperação interdisciplinar tenham logrado obter apenas algumas magras trocas. Lembrando a sinalização de Hans Ulrich Gumbrecht (1999b), entre os campos disciplinares o que parece existir, quando se propõe concretizar uma linha de ação interdisciplinar, são "trocas de gentilezas", e isso apenas confirma o quanto os muros disciplinares ainda estão solidamente erguidos. No entanto, o caráter necessário e simultaneamente problemático do trabalho interdisciplinar na produção e na socialização do conhecimento científico não decorre de uma arbitrariedade racional ou abstrata, mas da própria forma de o homem se produzir como ser social e como sujeito e objeto do conhecimento.

Ainda conforme a análise de Gaudêncio Frigotto (1995, p.27), não existe nenhuma razão de ordem epistemológica para "cingir-se esta ou aquela prática social", uma vez que "o conjunto das ciências sociais e humanas têm como objeto de conhecimento a compreensão e explicação da produção da existência social dos homens". Na condição de prática histórico-social complexa, a vivência da

interdisciplinaridade representa um inventário crítico das matrizes culturais e intelectuais dominantes, com vistas à formação de redes de pesquisa que escapem às perspectivas totalizantes e redutoras dos fenômenos.

A esse respeito, cabe ressaltar as reflexões do filósofo Fritz Wallner (1995, p.87-96) no tocante às estratégias para a prática da interdisciplinaridade, numa ótica construtivista. Para ele, alguns princípios alicerçam o exercício intedisciplinar, dentre os quais destaca-se o da auto-organização da ciência, cujas funções são a de fundamentá-la, inscrevê-la num compromisso ético e relacioná-la com a sociedade, ao lado dos quais figuram ainda os princípios da abertura e da contradição. Considerando-se a inevitabilidade de uma cooperação entre os diversos campos do conhecimento, Wallner entende que o debate epistemológico das últimas décadas impõe uma modificação no conceito de ciência, que deve subentender a multiplicidade de formas de manifestação social, num contexto de mútuo relacionamento em que a concepção canônica da verdade como um saber absoluto ceda lugar às diversas visões estabelecidas sob determinadas condições sociais.

Dessa forma, pelo abandono dos cânones da verdade e da ciência, promove-se uma abertura entre os campos e nessa dimensão as contradições, marcadas por um princípio criativo, desempenham a função de conduzir o pensamento à formulação de novos conceitos, uma vez que possibilitam a descrição do mundo sob diversas formas, ao mesmo tempo que as circunscreve à dependência de um observador. A partir dessas observações, é possível vislumbrar um plano de articulações entre as ficções (literárias), o conhecimento (científico) e o desenvolvimento de uma cultura estética, no marco das ofertas midiáticas, das tecnologias digitais e do contexto das multi-realidades contemporâneas como uma tentativa de tracejar suas instâncias intercomunicáveis e as interseções que cada uma dessas esferas guarda com os estudos literários.

4.2

Ficções (Literárias) Conhecimento e Cultura Estética

Construiu-se um percurso cujo objetivo foi o de refletir sobre a presença de redes multireais, particularmente como um resultado dos procedimentos de estetização epistemológica, em que as ficções derramam-se por sobre as linhas

fronteiriças de um território que formalmente sempre lhe negou passagem: o científico.

As soluções elegantes encontradas na musicalização do universo pela teoria das cordas, a investigação da metacosmologia, no que se refere à investigação das realidades dos universos possíveis, ou nova estética da matemática fractal, atravessadas, mediadas e formuladas pela intervenção da atividade possibilitadora do estético vão dando conta do entrelaçamento desses inúmeros e múltiplos campos de realidade, os quais se desdobram em temática complexa, sobretudo se se considerar as suas interconexões com os sistemas midiáticos e com as tecnologias digitais.

Nunca fomos tão radicalmente interpelados sobre a validade de uma dicotomia, ainda considerada fundamental, como ficção/realidade; em paralelo, as latitudes do conhecimento, os pressupostos e fundamentos das teorias, a construção das categorias de análise ou, ainda, a destinação sócio-política do fazer científico e a necessidade de sua auto-reflexividade demandam uma plataforma de novas articulações entre os diversos sistemas sociais de conhecimento. Se as redes multi-reais constituem uma das características da contemporaneidade, serão as redes de cooperação interdisciplinar aquelas capazes, não de oferecer respostas, mas de recolocar as perguntas, longe das perspectivas substancialistas e ontológicas da realidade, para empreender uma compreensão multifacetada do fenômeno humano e sua relação com os mundos que fabula, seja na ciência, seja na literatura. Criando categorias de análise por meio do exercício da ficcionalização epistemológica, erguendo, pela simulação digital, realidades, ou ativando a relação especial constituída entre o fictício e o imaginário, no ato da leitura de textos ficcionais literários, está-se frente a frente com a necessidade humana de fingimento; uma condição que, embora insistentemente contraposta à verdade, é uma dentre tantas de nossas verdades.

Ao se encaminhar nesta seção específica uma relação entre as ficções (literárias), o conhecimento e a cultura estética, no marco das sociedades midiático-digitais, tal propositura corresponde ao recolhimento dos argumentos gradativamente apresentados no transcurso de construção desta tese. Noutros termos, o que se pretende é reafirmar alguns posicionamentos que começam pela convicção de que as tecnologias, particularmente, as do virtual, não representam uma espécie de suporte epistemológico da simplificação e do reducionismo do

mundo, a carregarem a responsabilidade pela morte do pensamento e de todas as funções humanas, conforme advoga Jean Baudrillard (2001b, 2002), e a reivindicarem a sujeição dos indivíduos ao poder virótico da "tela total" que nos remete à inumanidade e à aniquilação na ordem dos simulacros.

À perspectiva do filósofo de que atingimos a impossibilidade de reversão desse quadro, pela incapacidade de apreendermos o mundo numa dimensão humana, poder-se -ia contrapor a capacidade inerente ao homem de ficcionar, de estetizar como uma maneira de contornar essa sentença de morte. A "fractalização do mundo", tomando ao empréstimo uma expressão de Baudrillard (2001b, p. 31) não deveria ser considerada como uma descrição de sua decomposição, abrindo passagem à escalada das lógicas do capital que disputam unha a unha, com o auxílio da estetização superficial, apenas o potencial de consumo e o desejo compulsivo de gozo presentes em cada reentrância dessa decomposição. Esse equivalente geral comum determinado pelo valor de mercado encontra no próprio pensamento do filósofo o seu contra-argumento, ou seja, o jogo da vida e do mundo e a sua dinâmica contingencial, somados à condição sempre singular e ficcionalizadora dos sujeitos que inventam diferentes jogadas, linhas de passe e novas regras contra as que lhe foram impostas. No arco da imprevisibilidade do próximo lance, eles seguem a contrapelo dos fundamentos da produção e do mercado.

Baudrillard lembra que, ao lado do valores do mercado, existem os valores morais e estéticos, uma espécie de proteção contra a dissolução do mundo, que regulamentam as oposições entre o bem e o mal, o belo e o feio. Entretanto, Wolfgang Iser, de acordo com o que já se discutiu anteriormente, sublinhou que, na atualidade, os valores morais tornaram-se rarefeitos, e que a hiperestetização, um anestésico da sensibilidade, passou a compensar essa escassez; em paralelo o estético não mais se associa aos limites do belo e do feio, porque o acento que lhe define é o de uma ação modeladora que cria multirrealidades.

Diante disso, num primeiro momento, é possível ceder ao raciocínio de que, na prevalência do sistema de valor de troca, não nos caberia outro destino se não o de radicalizar tal sistema, para a realização da troca definitiva do mundo pelo seu duplo artificial, pela "maquinaria das vivências" facultadas pelo virtual. Todavia, se pensarmos o estético como um caminho que agencia uma reflexão

sobre a diferença, por essa fresta, as ficções literárias têm muito a dizer em contraposição à tese de que existimos no registro de uma única realidade, seja pela pretensão da ciência em dominar todos os postulados, visando extinguir a indecidibilidade do mundo, seja pelos sistemas midiáticos, ávidos pela novidade e pela propalação dos indicadores do que pensa a chamada opinião pública, no tempo real da informação encenada nas arenas de uma também ilusória esfera pública.

De igual maneira, o estatuto diferencial das ficções literárias atua como um farol sobre os procedimentos de estetização superficial, tensionando e indagando seu resultado mais contundente, ou seja, o fenômeno de anestetização, de intoxicação da sensibilidade pela excessiva decoração midiático-virtual da realidade superficial. Como áreas baldias, como pontos cegos, as ficções literárias representam um experiência alternativa à vivência narcísica e discriminadora que, identificada com ela própria, busca na esterilidade do seu embelezamento superficial a redundância de si mesma. Por expressar o inexpressável, por não refletir, mas irrealizar o mundo, a partir da sua articulação com o imaginário, a ficcionalidade do literário, além de ensejar a reivindicação de uma outra forma, talvez menos ingênua, de entendimento das ficções, assim como suas diferenças em relação às demais ficções sociais coletivas, potencializa, pelo caminho da estetização epistemológica, a anulação da falsa rivalidade entre ela e a ciência, tendo em vista que ambas, num sentido mais largo, já que regidas pelo estético, forjam e alteram caleidoscopicamente as possibilidades do mundo e da verdade.

Assim, pela problematização das ficções literárias e suas contrapartes, seja no nível das sociedades midiaculturais e da mediação tecnológica digital, seja no da atividade científica, também elas dialogam com as perspectivas sociais e políticas da cultura estética, ou de uma estetização digna de ser seguida, porque, transgredindo as semelhanças e identificações com os limites dos modelos apriorísticos, permitem recombinações imprevisíveis para a construção do repertório semântico do mundo. A dimensão antropológica das ficções literárias e o seu caráter emancipador convertem-se num importante recurso argumentativo tanto à necessária crítica aos procedimentos de estetização superficial, quanto, por sua vez, em favor do desenvolvimento de uma cultura de sensibilização contra as totalizações, imperialismos e quaisquer formas de opressão individual e coletiva.

A validação de uma agenda político-social dessa envergadura depende fortemente de uma ação que parta dos próprios campos disciplinares que, ao contrário de uma aproximação cortês e de uma repetição retórica sobre dificuldades das parcerias interdisciplinares, deve investir na abertura de suas esferas de investigação, a exemplo do que os estudos literários já fazem, na medida em que ele se pensa, assim como aos fenômenos que analisa, em interseção com a cultura, a antropologia, a teoria da mídia, a filosofia, e a epistemologia. Finalmente, as ficções literárias também interpelam as ciências no que respeita à necessidade de um exercício de auto-reflexividade e mesmo da modificação de seu conceito, conforme propõe Fritz Wallner (1995), que a compreenda como uma multiplicidade de formas de manifestação social. Noutras palavras, a ciência, ao defrontar-se com a mobilidade e a provisoriedade de suas categorias de análise ou com a arquitetura estética de suas teorias, parece não mais dispor de argumentos para minimizar a sua própria ficcionalidade.

É em razão desse seu raio de problematizações abrangentes que as ficções literárias participam de um debate que não se restringe aos estudos literários, mas integra a pauta dos problemas epistemológicos e culturais contemporâneos.